



PSICANÁLISE

Leopoldo Fulgencio
Decio Gurfinkel
organizadores

Relações e objeto na psicanálise

ontem e hoje

Blucher

RELAÇÕES E OBJETO
NA PSICANÁLISE:
ONTEM E HOJE

*LEOPOLDO FULGENCIO &
DECIO GURFINKEL (ORGS.)*

Ana Maria Sigal

Christian Dunker

Daniel Delouya

Daniel Kupermann

Elisa Maria de Ulhôa Cintra

Flávio Carvalho Ferraz

Luís Cláudio Figueiredo

Nelson da Silva Junior

Nelson Ernesto Coelho Junior

Renato Mezan

Relações e objeto na psicanálise: ontem e hoje

© 2021 Ana Maria Sigal, Christian Dunker, Daniel Delouya, Daniel Kupermann, Decio Gurfinkel, Elisa Maria de Ulhôa Cintra, Flávio Carvalho Ferraz, Nelson da Silva Junior, Leopoldo Fulgencio, Luís Cláudio Figueiredo, Nelson Ernesto Coelho Junior, Renato Mezan
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonatas Eliakim
Produção editorial Villa d'Artes
Preparação de texto Lilia Nunes
Diagramação Villa d'Artes
Revisão de texto Vânia Cavalcanti
Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

*Relações e objeto na psicanálise : ontem e
hoje / organizado por Leopoldo Fulgencio,
Decio Gurfinkel ; Ana Maria Sigal...[et al]. --
São Paulo : Blucher, 2021.*

360 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-137-6

1. Psicanálise 2. Psicanálise - História e crítica 3. Interpretação psicanalítica 4. Relações
objetais (Psicanálise) 5. Teoria das pulsões I.
Cardoso, Sílvia Galesso II. Sigal, Ana Maria

21-4652

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	7
Parte I – Leituras histórico-críticas	23
1. A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise <i>Daniel Kupermann</i>	25
2. Tradição e ruptura na clínica: Ferenczi, relações de objeto e a psicanálise relacional <i>Nelson Ernesto Coelho Junior</i>	45
3. Onde vivem as pulsões e seus destinos: uma reflexão <i>Elisa Maria de Ulhôa Cintra</i>	65
4. A busca do objeto <i>Decio Gurfinkel</i>	87

5. A falta que Bion faz. Considerações sobre as relações de objeto nas teorias psicanalíticas <i>Luís Cláudio Figueiredo</i>	143
6. Lacan e as Relações de Objeto <i>Christian Dunker</i>	163
Parte II – Desdobramentos e debates	177
7. Stein, Lacan e o narcisismo primário: um momento-chave na história da Psicanálise <i>Renato Mezan</i>	179
8. A antropofagia do objeto. Desconstrução e Reconstrução <i>Ana Maria Sigal</i>	271
9. De “objeto da pulsão” a “objeto-fonte da pulsão”: um imperativo epistemológico <i>Flávio Carvalho Ferraz</i>	283
10. O eu, o <i>Self</i> e a clínica contemporânea <i>Daniel Delouya</i>	303
11. Sobre a gestão neoliberal do sofrimento psíquico e social. Sujeito, Governo e Ciência em tempos sem sombras. <i>Nelson da Silva Junior</i>	315
12. É adequado referir-se aos relacionamentos humanos como <i>relações de objeto</i> ? <i>Leopoldo Fulgencio</i>	329
Sobre os autores	353

1. A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise¹

Daniel Kupermann

As ideias desenvolvidas neste ensaio visam suscitar a reflexão sobre as *origens* do pensamento das relações de objeto na psicanálise. Nesse sentido, abordarei os fundamentos e a clínica psicanalítica sob a inspiração do pensamento das relações de objeto a partir do que nomeei de *virada de 1928*, realizada no campo psicanalítico por Sándor Ferenczi. Não por acaso, a opção pelo termo “virada” pretende mostrar que há uma relação entre a *virada ferencziana* de 1928 e a consagrada *virada freudiana* de 1920.

Decio Gurfinkel, no seu excelente livro *Relações de objeto* (2017), recentemente publicado, recorda-nos que Michael Balint já indicara que a origem do pensamento das relações de objeto estaria na obra de Ferenczi, especialmente em *Thalassa*, publicado em 1924, mas que teria atingido a força máxima das suas teses em 1928, com a edição, por Ferenczi, dos artigos sobre a elasticidade da técnica e sobre o problema do fim da análise.

¹ Esse ensaio inspirou o argumento desenvolvido (simultaneamente à sua escrita) no capítulo 4 de meu livro *Por que Ferenczi?* (2019, Zagodoni).

Acompanhando parcialmente Balint, acredito que se pode afirmar que a origem explícita do pensamento das relações de objeto na psicanálise reside na articulação – intrínseca e necessária – da trilogia publicada por Ferenczi em 1928, que constitui um verdadeiro marco fundador na história das ideias psicanalíticas, com destaque para o ensaio “A adaptação da família à criança”.

De fato, se *Thalassa* apresenta ao público os postulados lamarckistas da “bioanálise” que vinham sendo elaborados há quase uma década por Ferenczi e, também, por Freud² – com destaque para a dimensão estruturante das catástrofes sofridas pelas espécies ao longo do processo de adaptação que conduziu ao surgimento do *Homo sapiens*, e para os poderes curativos da regressão que move a conduta dos seres sexuados –, não explorara suficientemente os desdobramentos dessas mesmas teses na teoria da clínica e nas concepções acerca do encontro transferencial, justamente o que será exposto na trilogia que configura a virada de 1928.

Mas o que determinaria uma *virada* no campo psicanalítico?³ Todo psicanalista que consideramos efetivamente um *autor* desenvolveu suas contribuições a Freud em, no mínimo, três vertentes: primeiro, criando categorias metapsicológicas próprias, referidas ao processo de constituição subjetiva, bem como a psicopatologia que lhe é correspondente; além disso, estabelecendo uma teoria da clínica capaz de lidar com os quadros psicopatológicos descritos de acordo com suas concepções acerca das origens do sofrimento humano; finalmente, propondo reflexões ético-político-institucionais que se referem tanto à direção do

2 Ver *Neuroses de transferência: uma síntese* (Freud, 1915).

3 De acordo com Renato Mezan em comunicação pessoal, o termo “virada”, nesse contexto, deve ser atribuído a Laplanche; trata-se, assim, da tradução do francês *tournant*.

tratamento – ou à sua concepção de cura – como à crítica acerca das resistências do próprio psicanalista ao poder de afetação do encontro clínico, e das competências que lhe são exigidas para exercer de maneira adequada seu ofício. É o que pode encontrar, guardando evidentes diferenças, em Freud, Klein, Winnicott e Lacan, entre outros.⁴

Dessa maneira, pode-se considerar que a *virada* se dá quando essas três dimensões da obra de um psicanalista indicam efetivamente uma mudança de direção nos caminhos (*wege*)⁵ do pensamento teórico-clínico da psicanálise. Uma virada se diferenciaria, assim, da concepção de “retorno à verdade de Freud”, enfatizada por Lacan nos anos 1950,⁶ aproximando-se mais do exercício da “função autor” – presente e atuante na produção e na transmissão de saber concernentes ao campo das discursividades, do qual participa a psicanálise – descrita por Michael Foucault (1969) no final dos anos 1960, por meio da qual se retorna à obra do instaurador (Freud, no caso) em função de certo tipo de “esquecimento” que, longe de ser um acidente de percurso, parece ser inerente à própria constituição da discursividade.

O retorno promovido pelo movimento de *virada* remeteria, portanto, menos à verdade última que arriscaria fechar o sentido do ato de instauração de uma discursividade, do que a uma abertura – por meio do reconhecimento de diferenças – à riqueza da obra inaugural, obturada por uma pseudoplenitude das leituras vigentes.

4 Na coleção *Grandes Psicanalistas*, por mim dirigida junto à editora Zagodoni, elegemos oito autores do campo psicanalítico: Freud, Ferenczi, Klein, Winnicott, Lacan, Bion, Laplanche e Green.

5 Em referência ao ensaio decisivo de Freud (1919[1918]), “Caminhos da terapia psicanalítica”.

6 Ver “A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise” (Lacan, 1955).

A virada ferencziana de 1928

Justamente, em 1928, Sándor Ferenczi apresenta à comunidade psicanalítica três ensaios, cada um deles dedicado a uma das vertentes constitutivas de uma obra autoral em psicanálise: metapsicologia/psicopatologia, teoria da clínica ou da técnica, considerações ético-político-institucionais. O primeiro deles é “A adaptação da família à criança” (1928), o mais significativo se tivéssemos que escolher um texto inaugural para o que Decio Gurfinkel (2017) nomeou “pensamento das relações de objeto”. Nele, Ferenczi promove uma torção no sentido do conceito de adaptação utilizado por Freud e, de certo modo, privilegiado por ele mesmo (Ferenczi) no instigante ensaio de 1913 “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, segundo o qual a criança pulsional, movida pelo princípio de prazer, deveria se adaptar “unilateralmente” ao princípio de realidade imposto pelo mundo dos objetos desenvolvendo, por meio de sucessivos traumas estruturantes, o sentido imposto pelo princípio de realidade.⁷ A partir da publicação desse ensaio, enriquecido pelos desenvolvimentos subsequentes de Balint e Winnicott, a concepção vigente para os autores identificados com o pensamento das relações de objeto seria a de que a adaptação primária – condição para a experiência de onipotência criadora do sujeito – é aquela promovida pelo ambiente frente à chegada do *infans*.

O segundo ensaio, “A elasticidade da técnica psicanalítica” (1928a), deve ser lido como prolongamento do primeiro, uma

7 Demonstrei, alhures, que se pode encontrar no mesmo ensaio uma dimensão ativa da criança ferencziana que iria ao encontro do sentido de realidade por meio de um movimento progressivo impulsionado por suas próprias forças introjetivas. Ver Kupermann (2003, cap.2).

vez que nele Ferenczi extrai as consequências clínicas de sua perspectiva ambientalista. Poder-se-ia sintetizar seu argumento com a ideia de que não é o analisando que assumiria a tarefa de se adaptar à técnica psicanalítica, então definida pelo tripé associação livre, princípio de abstinência no campo transferencial e interpretação; o analista é que precisaria dispor da flexibilidade elástica necessária para atender aqueles que até então eram considerados inalisáveis.

Pode-se perceber que, no mesmo gesto promovido por “A elasticidade da técnica”, *a própria psicanálise se abriu para os chamados casos difíceis*, ou casos graves – primeira forma de nomear o que hoje chamamos *borderlines*, segundo a inspiração winnicottiana, casos-limite, segundo a inspiração francesa, ou patologias narcísicas (retomarei adiante esse ponto). Para Ferenczi, tratava-se, efetivamente, de pacientes traumatizados. É ainda nesse ensaio que Ferenczi propõe o termo *empatia* para nomear modalidades ampliadas da interação clínica, segundo a inspiração dos analisandos que apresentavam comprometimento nos processos de ligação constituintes do narcisismo primário e da integração egoica – ou seja, analisandos com dificuldades de cumprir a regra da associação livre, de sonhar, cometer atos falhos, e de incluir o analista no campo da atualização das imagens inconscientes infantis conforme preconizado pela concepção vigente de transferência, exigindo do psicanalista uma *presença sensível* de maneira a preservar alguma possibilidade de intervenção clínica (cf. Kupermann, 2008). A empatia (*Einfühlung*), literalmente “sentir dentro”, indica a exigência de o analista sentir o outro em si, o que inaugurou a trilha para as reflexões que floresceram na escola inglesa a partir dos anos 1950 acerca da contratransferência.⁸

8 Remeto o leitor a *Para além da contratransferência: o analista aplicado*, organizado por Cintra, Tamburrino e Ribeiro (2017).

Finalmente, em “O problema do fim da análise” (1928b), ensaio que encerra a trilogia, Ferenczi dá o passo logicamente necessário: se a clínica psicanalítica inspirada por sua perspectiva ambientalista, da qual derivou o pensamento das relações de objeto – para fins esquemáticos, nomearei o estilo clínico criado por Ferenczi de *estilo empático* –, exigia do psicanalista uma disponibilidade sensível e afetiva diferenciada daquela proposta pelo método freudiano clássico – que poderíamos designar, também para fins esquemáticos, como um *estilo interpretativo* –, seria condição *sine qua non* para o sucesso da experiência psicanalítica a reflexão acerca das análises de formação (as “didáticas”), bem como de seus efeitos sobre a metapsicologia dos analistas.⁹

Convém ressaltar que o espírito desse ensaio é bastante crítico em relação à formação dos analistas e indica uma direção ética importante ao formular que, no horizonte do final do tratamento, estaria a desconstrução do narcisismo (patológico, como veremos) e do superego. Inclusive, no que se refere à análise dos analistas, ao desfazimento do que Balint (1948; 1954) nomeou de *superego técnico*, referindo-se à adesão rígida dos psicanalistas aos sistemas de filiação teóricos que impede que analisem utilizando o “livre jogo das faculdades” que alimentaria sua imaginação.

Uma vez apresentada, ainda que brevemente, a trilogia que compõe a virada de 1928 promovida no campo psicanalítico por Sándor Ferenczi, deter-me-ei um pouco mais em “Adaptação da família à criança”, indicando de que maneira esse ensaio pretende confrontar a segunda teoria da angústia de Freud.

9 Convém notar que um estilo não se contrapõe, decerto, a outro. Freud não deixou de conceber a importância da empatia, assim como Ferenczi não abandonou o instrumento interpretativo. Trata-se, portanto, mais de ênfase ou privilégio do que de oposição. No entanto, conforme pretendemos demonstrar, em algumas situações clínicas a ênfase faz bastante diferença.

Da dor à alegria de existir

Em “Inibições, sintomas e ansiedade” Freud (1926), apresenta duas importantes balizas da sua última teoria, que se referia à pulsão de morte e à segunda tópica do aparelho psíquico. O argumento – na verdade, um debate – gira em torno da publicação do livro de Otto Rank, *O trauma do nascimento* (que foi dedicado a Freud), no qual se encontra um otimismo clínico inédito, apresentado no último capítulo e sustentado na ideia de que o manejo da transferência poderia promover um “segundo” nascimento – devido à separação do analista prevista pela liquidação da transferência –, agora não traumático (Rank, 1924). Freud critica tanto sua metapsicologia como seu modelo clínico.

Em primeiro lugar, para Freud (1926) o nascimento seria apenas o protótipo das separações posteriores – como o desmame, a aquisição do controle fisiológico implicado no asseio, o ingresso na vida escolar, as ligações amorosas, a inserção no mundo do trabalho – que acompanham o processo de amadurecimento subjetivo e de socialização. Ou seja, a aquisição do sentido de realidade seria necessariamente traumática, uma vez que o ser humano nasce em estado de desamparo e dependência – em razão de sua prematuridade biológica –, e toda ameaça de abandono ou medo da perda do amor da mãe ou do cuidador o remete novamente ao desamparo, fonte primária de toda angústia. Na vida adulta, a angústia deixa de estar relacionada diretamente ao outro do qual a criança dependia, passando a ser efeito do funcionamento do superego, o Outro incorporado no psiquismo.

Além disso, Freud (idem) tece uma crítica severa a um modelo clínico que pretendia curar o trauma do nascimento, indicando que experiências traumáticas são constitutivas do aparelho psíquico; inexoráveis, portanto. Freud emprega, com a ironia que lhe era característica, uma analogia que se explica por si só: não se apaga

o incêndio em uma casa retirando o lampião de querosene derrubado que o causou (mas vou explicar: o lampião freudiano é nada mais nada menos que a pulsão, com privilégio para a pulsão de morte, essa incendiária incorrigível).

Assim, toda ameaça de perda do objeto, ou efetiva perda – de outra maneira, toda des fusão pulsional –, tem potencial incendiário, exigindo um dispendioso trabalho de ligação por parte do aparelho psíquico.

Nesse sentido, Freud se afasta do privilégio atribuído por Rank à regressão terapêutica, bem como da concepção de um *novo começo* proporcionado pela experiência transferencial,¹⁰ e reafirma a primazia do seu modelo intrapsíquico ancorado no paradigma pulsional e no irremediável conflito entre as instâncias que caracteriza o campo das neuroses.

Já Ferenczi, anteriormente parceiro de Rank na publicação de *Perspectivas da psicanálise* (cf. Ferenczi, 1924), adentra o debate criticando tanto Rank como Freud. Seu argumento se sustenta no que se pode denominar, após a publicação de “A adaptação da família à criança”, de *ambientalismo psicanalítico*, ilustrado por duas formulações que têm como máximas:

1. “O nascimento é um verdadeiro triunfo, exemplar para toda a vida” (Ferenczi, 1928, p.4), e não um trauma, portanto.
2. O estado de desamparo e a consequente dependência da criança ao adulto implicam que *a relação dos adultos com a criança pode ser efetivamente traumática*. Desse modo, o estado de desamparo não é a fonte do trauma por si só, mas apenas na relação com o outro. Parafraseando Winnicott,¹¹

10 A ideia de *new beginning* foi preconizada por Balint (1932) e popularizada na escola inglesa – e entre nós – por Winnicott (1954).

11 Recordo ao leitor o provocador artigo de Jurandir Freire (2000) intitulado “O mito psicanalítico do desamparo”.

poderíamos dizer que, assim como não existe um bebê sem cuidador, também não há desamparo sem uma perspectiva relacional que envolva a presença do outro (adianto, mas não poderei me aprofundar nesse tópico no escopo desse ensaio, que o mesmo tratamento teórico é dado por Ferenczi à pulsão de morte – tratar-se-ia de um mito fundador evocado por Freud; no sentido de que tanto Eros como Tãatos dependem da relação estabelecida com o/pelo outro cuidador).

A afirmação, com júbilo, de que o nascimento é um triunfo pressupõe que, por um lado, o feto está biologicamente pronto para nascer, isto é, para entrar em contato com o ambiente externo ao útero materno, os aparelhos digestivo e respiratório já amadurecidos; por outro, que a família, representando o ambiente *adaptado* às necessidades biopsicofisiológicas do bebê, torna a transição do útero ao colo materno, e deste ao mundo, a mais delicada possível. Não é difícil reconhecer aqui Winnicott (cf. 1952) e sua concepção de *good enough mother*, a mãe suficientemente bem adaptada ao neonato. Além disso, a formulação de um triunfo do nascimento contradiz a figura do “bebê melancólico” apresentada pelo próprio Ferenczi no seu ensaio de 1913, “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, que persistiu no imaginário psicanalítico.¹² É digna de nota, nesse sentido, a epígrafe, claramente provocadora, escolhida por Rank para *O trauma do nascimento*: as palavras de Sileno a Midas evocadas por Nietzsche em *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo* (pode-se perceber que o título do livro de Rank inspira-se no de Nietzsche, invertendo-o e adaptando-o à terminologia psicanalítica: “A tragédia [trauma] do nascimento”). Diz Sileno: “o melhor de tudo é para ti inteiramente

12 “O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo [...]” (Ferenczi, 1913, p.52).

inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer” (Nietzsche apud Rank, 1924, p.7).

Se fosse possível escolher, o feto (melancólico, certamente) preferiria não nascer... para preservar sua onipotência no útero materno. A partir de 1928, no entanto, por exuberância vital e com a prova da alegria, o feto deseja nascer... e nasce.

Onipotência e traumatogênese

Chegamos, assim, a um problema decisivo no resgate da concepção de trauma pelo pensamento das relações de objeto: o da *onipotência* e sua relação com a etiologia psicopatológica. O psicanalista Jay Frankel (2017) é bastante preciso em seu artigo *Ferenczi's evolving conception of narcissistic pathology and its basis in trauma*, ao indicar a articulação tecida por Ferenczi entre o evento traumático e a emergência do narcisismo patológico.

Não há necessidade de resgarmos aqui todos os elementos da teoria do trauma construída por Ferenczi no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 (cf. Ferenczi 1929, 1931, 1933). Basta, para avançar com o argumento aqui proposto, analisar os principais efeitos da traumatogênese sobre a subjetividade: a progressão traumática por meio da identificação ao agressor, e as fantasias de onipotência dela decorrentes.

Ferenczi (1931) indica que, na situação traumática, o agressor é alguém amado, do qual a criança não pode se desligar sob o risco de cair em abandono. Como recurso defensivo, a criança se identifica com o *objeto agressor*, promovendo uma clivagem narcísica em uma parte que “sabe tudo, mas nada sente” – a parte onipotente da progressão traumática – e outra parte sensível,

destruída (ibid., p. 77). É conhecida a metáfora proposta por Ferenczi (1933) da fruta bichada – madura por fora, porém apodrecida por dentro.¹³

Frankel (2017) indica, ainda, que Ferenczi foi o autor que evidenciou que a onipotência presente na chamada “doença mental” viria recobrir uma inexorável fragilidade e vulnerabilidade subjetiva, hipótese que, talvez, soe óbvia para os psicanalistas atualmente identificados com o pensamento das relações de objeto. No entanto, desde Freud, e ainda hoje, as consequências clínicas de se adotar ou não essa concepção não são unânimes no campo psicanalítico. Basta recordar que, para Freud (1914), os psicóticos eram considerados intratáveis pelo fato de não estabelecerem transferência.

A partir da ampliação da clínica psicanalítica promovida por Ferenczi junto aos “pacientes difíceis”, a concepção de quem seria inalisável passou a ser bastante questionada.¹⁴ Na traumatogênese descrita por Ferenczi (1933, p.103) ocorreria uma falha no estágio do chamado de “amor objetal passivo”, no qual o sujeito em constituição necessitaria da “ternura materna” para estabelecer as identificações que o possibilitariam exercitar sua autenticidade e seu movimento desejante.

Antes ainda, desde as formulações de “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios” (Ferenczi, 1913), as fixações patológicas eram consideradas efeitos de rupturas traumáticas da experiência de onipotência responsável pela expansão

13 Metáfora inspiradora para o título sugestivo do livro de Nicolas Abraham e Maria Torok (1995), *A casca e o núcleo*, dedicado ao desenvolvimento das hipóteses ferenczianas.

14 Vale notar que a *Psicanálise com crianças* praticada por von Hug-Hellmuth, Melanie Klein e Anna Freud iniciara essa ampliação da prática psicanalítica, bem como a adaptação do *setting* clássico às necessidades dessa modalidade clínica.

da subjetividade que mobiliza o sujeito do seu autoerotismo em direção ao mundo, ou seja, às relações de objeto.¹⁵ A fixação, porém, não diz respeito apenas a um estágio do desenvolvimento da libido, mas também à aderência a certas modalidades de relação de objeto, como já indicara Abraham (1970).

Balint (1968) retomará justamente essa ideia do fracasso do “amor objetual passivo” redefinindo-a como “falha básica”. Percebe-se, assim, que é o amor recebido pelos objetos primários que convoca a criança para as relações objetais, e não as pulsões de vida independentes do ambiente, como se fossem uma conquista autônoma do sujeito. A criança abandonada, dirá Ferenczi, ficará, ao contrário, assujeitada a Tãtatos. Uma passagem de “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” é ilustrativa: “A ‘força vital’ que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento [...] ela só se reforça após a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato” (Ferenczi, 1929, p. 50).

O efeito da falha traumática no estágio do chamado de *amor objetual passivo* seria, portanto, o comprometimento severo dos processos identificatórios com a conseqüente incorporação do objeto do qual o sujeito não poderá mais prescindir. Advém daí a impossibilidade de fazer o luto do objeto – e, de acordo com Frankel (2017), o legado das “fantasias onipotentes” –, o que levou alguns autores a aproximarem a clivagem descrita por Ferenczi do mecanismo da cisão própria da melancolia, como o faz, por exemplo, Teresa Pinheiro (2016).

O desafio clínico não seria, assim, o de enfrentar a onipotência oriunda do incremento do narcisismo secundário; ao contrário, tratar-se-ia de cuidar da dimensão sensível do sujeito anestesiado

15 “Introjeção”, de acordo com Ferenczi (1909; 1912).

de modo a que possa exercitar a “ilusão” e o “sentimento” de onipotência primária (Ferenczi, 1913, pp.47-48) responsável pelos movimentos de introjeção por meio dos quais se constituem o campo do si mesmo e o circuito dos objetos merecedores do seu investimento desejante.

Por uma clínica do masoquismo

Proponho que o problema clínico privilegiado ao qual Ferenczi se dedicou no final da sua obra foi o da *clínica do masoquismo*, sincrônico com as formulações de Freud a partir de 1920 (de fato, Freud pouco fala da melancolia após a “virada de 1920”). Com a traumatogênese ferencziana, o entendimento para a escolha defensiva por meio do masoquismo deixa de ser a de uma “covardia moral”, um simples evitamento do desamparo cotidiano. A dor provocada pela identificação ao agressor viria atenuar uma dor maior provocada pelo desmentido traumático, como realça Ferenczi no *Diário clínico* (1932, pp.56-64).

Nesse sentido, pode-se entender que o ponto de partida das inquietações de Ferenczi tenha sido a percepção – ainda intuitiva, é verdade – dos efeitos iatrogênicos da psicanálise. A constatação de que a psicanálise, do modo como era praticada já em meados dos anos 1910, poderia reforçar a identificação com o agressor atualizado na figura do analista o levou primeiro à técnica ativa e, depois, à criação do que nomeei de estilo empático. Efetivamente, o tripé associação livre/princípio de abstinência no campo transferencial/interpretação fora desenvolvido para o tratamento da neurose, e não para os pacientes assujeitados à clivagem narcísica. Se nos detivermos em cada um dos elementos que balizavam a técnica freudiana até 1920, veremos que: 1. a associação livre não promovia os efeitos esperados, uma vez que os analisandos graves

apresentavam comprometimento nos processos de simbolização, e as formações do inconsciente – sonhos, atos falhos e piadas – não se manifestavam conforme esperado; 2. a frustração no manejo da transferência reproduzia menos a diferença em relação às imagens infantis atualizadas, do que à identificação com o agressor, reforçando o traumatismo e a aderência afetiva dos analisandos aos seus analistas; e 3. a interpretação, que tem como alvo as resistências neuróticas e o recalco, não obtinha sucesso em acessar o núcleo traumatizado do analisando, transformando a clínica em um exercício intelectual inócuo, e as análises em experiências intermináveis. Para essas subjetividades, insistir em uma clínica que adota como visada o reconhecimento da castração seria o equivalente a colocar a carroça na frente dos bois... apostando em uma força motriz erótica ausente que, pelo contrário, precisaria ser despendida na relação com o analista.

A clínica psicanalítica passava, assim, a ser norteadora por uma ética do cuidado, assentada sobre duas grandes balizas: a regressão thalássica – que nos remete ao período da ternura, no qual vigora, por parte do analisando, a demanda de amor objetal passivo –, e a análise pelo jogo (cf. Kupermann, 2017). O termo “neocatarse” concebido por Ferenczi (1930) define a tarefa de perlaboração almejada pelo estilo clínico empático desenvolvido, com sofisticação, nas obras de autores como Balint, Winnicott e Kohut.

De acordo com a definição de Winnicott (1954), a regressão à dependência seria a resposta clínica para a progressão traumática impulsionada pela identificação com o agressor. A presença sensível do psicanalista favoreceria, em contrapartida, as condições necessárias e suficientes para a regressão reparadora do narcisismo primário comprometido e para a possibilidade de o sujeito livrar-se, enfim, do objeto incorporado. “Por trás do amor de transferência, submissão ou adoração [...] o desejo nostálgico de libertação

desse amor opressivo”, escreve Ferenczi (1931, p.104), acrescentando: “Se ajudarmos a criança, o paciente [...] a abandonar essa identificação e a defender-se dessa transferência tirânica, pode-se dizer que fomos bem-sucedidos”.

A concepção de análise pelo jogo (Ferenczi, 1931), por seu turno, visava suportar o movimento expansivo e lúdico dos analisandos que exercitam, muitas vezes por meio de movimentos efetivamente hostis – no sentido da tentativa de evacuar o objeto agressor e persecutório –, a introjeção, demandando do psicanalista presença sensível e, também, o vigor necessário para resistir *no* encontro promovido pelo campo de afetação. A figura do “joão-teimoso”, o boneco que apanha das crianças mantendo seu ponto de sustentação, é evocada por Ferenczi como metáfora inspiradora do trabalho do psicanalista em determinadas situações clínicas. “É necessário”, escreve Ferenczi (1928a, pp.31-32), “ceder às tendências do paciente, mas sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões”.

À guisa de conclusão: a psicanálise sem pai nem mãe

Alguns comentadores e, mesmo, detratores dos autores representativos do pensamento das relações de objeto na psicanálise associam sua clínica a um exercício no qual o psicanalista ocuparia uma posição materna que, no limite, tenderia a manter a dependência por parte dos seus analisandos.¹⁶ Por outro lado, o percurso freudiano indicou de que modo a clínica regida pelo princípio da abstinência no campo transferencial, que tem como alvo a assunção da castração por parte do analisando, implica uma posição paterna por parte do analista (Freud, 1937). No entanto, os vários acidentes

¹⁶ Curiosamente, nem Ferenczi nem Winnicott, os dois alvos maiores dessa crítica, não tiveram filhos.

de percurso sofridos por Freud apontaram que a adoção da postura de “substituto paterno” (idem) tende a reforçar o masoquismo dos analisandos, que toleram as maiores violências impostas – na maior parte das vezes involuntariamente, decerto – por seus próprios analistas. O caso do Homem dos Lobos é fartamente ilustrativo do fracasso iatrogênico do estilo “paterno” em psicanálise (Freud, 1918[1914]; Brunswick, 1928).

Para Ferenczi, no entanto, se a técnica inspirada pelo estilo interpretativo podia tornar-se, efetivamente, sádica, a maternagem, por sua vez, arriscava ser “hipócrita”. Isso porque a maior resistência à análise decorreria da insensibilidade do psicanalista, ou seja, da recusa dos modos pelos quais é afetado pelo encontro clínico. Em seu último ano de vida, por meio da “análise mútua”, Ferenczi (1932) buscara livrar o espaço analítico de toda hipocrisia defensiva, convocando o psicanalista ao reconhecimento e ao enfrentamento dos traumatismos decorrentes da sua prática clínica. Seu ponto de chegada foi a proposição de que muitas vezes o encontro analítico conjurava “duas crianças” que, igualmente desamparadas, estabelecem uma “comunidade de destino” de modo a alcançar a vivência da ternura necessária para o advento da sua autenticidade criadora.

Referências

- ABRAHAM, K. (1970). *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ABRAHAM, N.; TOROK, M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- BALINT, M. (1932). Character analysis and new beginning. In *Primary love and psycho-analytic technique*. Karnac Books, 1994.



As “relações de objeto” se referem, na psicanálise, ao modo como se dão as relações do sujeito com os outros humanos. Desde Freud, essa noção tem servido como um instrumento teórico para pensar e para fundamentar o trabalho clínico, mas ela acabou também por designar uma corrente de pensamento específica na história da psicanálise. Neste livro, elaborado a partir de Simpósio ocorrido em agosto de 2018 no Instituto Sedes Sapientiae, reunimos diversos psicanalistas para discutir o tema, tanto em seus aspectos histórico-conceituais, quanto visando uma análise crítica que reavalie o seu sentido e seu valor no presente e no futuro da psicanálise. A proposta, desde o princípio analítica, sugere ainda que os autores abordem os dois termos em questão – as relações e os objetos – de modo relativamente independente, e que possam também correlacioná-los às problemáticas do Eu e do Self.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-137-6



9 786555 061376



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Relações e Objeto na Psicanálise

Ontem e hoje

Leopoldo Fulgencio, Decio Gurfinkel

ISBN: 9786555061376

Páginas: 360

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
